

Educação Diretores e pais dividem o poder nas escolas americanas

Do Washington Post

Washington (EUA) — Quando pais têm problemas sobre a maneira como seus filhos estão sendo disciplinados na escola ou a falta de professores de matemática, eles costumam levar suas reclamações para o diretor. Mas, nas escolas do distrito de Montgomery, próximo à capital americana, Washington, pais terão em breve que tratar de seus problemas com um comitê especial que assumirá as principais funções até agora exercidas pelos diretores.

Parte de um ambicioso novo tipo de contrato com os professores, aprovado pelo Conselho de Educação, cada escola terá no comando um *Conselho de Gerenciamento de Qualidade* — uma equipe composta pelo diretor, representantes apontados por ele e professores eleitos entre si. Os conselhos terão jurisdição sobre tudo, desde a compra de suprimentos até a contratação de professores e a segurança e disciplina nas escolas.

Os professores, que frequentemente sentem-se culpados pelos problemas da escola, mas não têm poder para fazer muito a respeito, dizem estar esperançosos sobre seu novo papel. Mas também estão temerosos de que suas novas responsabilidades possam não trazer nenhuma mudança significativa para os estudantes. "Isso pode realmente nos ajudar. Ou nos prejudicar. Especialmente se for transformado em apenas outra reunião a que teremos que ir", diz Gene Boteler, professor de Ciências Sociais na escola *Sherwood*.

Diretores aprovam as mudanças, que eles acreditam irá ajudar a motivar os professores e pais, mas alguns temem que o sistema paralise o dia-a-dia das escolas. Pais se preocupam porque, sem lugares específicos reservados nos conselhos, possam terminar por ficar de fora do processo. "Eles dizem que os pais serão incluídos no Conselho 'quando apropriado'. Será que vamos ficar do lado de fora de novo?", conta Sharon Cox, presidente da Associação de Pais de Montgomery.

13 MAR 1990

EXPERIÊNCIAS

Programas similares foram introduzidos em vários locais do país nos últimos anos. O distrito de Dade, na Flórida, adotou um sistema parecido e passou a registrar menos demissões de professores e faltas de alunos. Mas quando as escolas de Los Angeles aplicaram o novo sistema, no início de 1990, ele resultou em paralisadoras brigas pelo poder e reclamações de ineficácia.

Em Minneapolis, de onde Montgomery tomou emprestado o seu plano, professores e administradores escolares afirmam que as equipes evoluíram, nos últimos oito anos, para um sistema efetivo que fez os professores sentirem-se mais importantes e mais profissionais. No entanto, as mudanças não ocasionaram nenhuma melhoria significativa no desempenho dos estudantes.

"Nós sabemos que a descrença é forte, e há boas razões para isso. A mudança de cultura toma algum tempo para ser feita", afirma Mark Simon, presidente da Associação de Educadores de Montgomery.

Alguns professores se sentem desconfortáveis sobre um programa que implica em treinar, avaliar e, em alguns casos, demitir uns aos outros. "Você pensa: 'que direito eu tenho de dizer o que eles devem fazer?'", diz Gregory.

Sundin, de Minneapolis, afirma que esses problemas são apenas uma questão de tempo até serem trabalhados. "No início, nossos comitês se prenderam a pequenas coisas, como encomendar papel, etc. Depois de se acostumarem com suas posições, os conselheiros passaram a trabalhar com tarefas mais significativas", conta.

Muitos defensores do processo afirmam que o espírito por trás dos conselhos já está vivo em muitas escolas. "Os diretores que vão odiar este sistema são os ditadores. Nas escolas onde eles tratam pais e professores com respeito e buscam sua colaboração, isso não vai ser muito diferente", afirma Simon.